

**ENFRENTANDO  
ESTEREÓTIPOS,  
SORORIDADE E  
EMPODERAMENTO**

# Seja bem-vinda, caloura!

Primeiramente, parabéns pela aprovação! Estamos muito felizes em tê-la conosco. Esperamos que esse seja só o começo dos melhores cinco anos da sua vida! Na tentativa de colaborar com isso, como proposta da disciplina Direito e Equidade de Gênero, trouxemos essa cartilha na expectativa de poder tornar sua nova jornada a mais acolhedora possível.

Como veteranas, sabemos que ser mulher dentro da Faculdade de Direito pode implicar em algumas dificuldades e desafios, mas esperamos que as reflexões aqui trazidas por nós possam te ajudar a vencê-los desde cedo.

Que através da sororidade e do empoderamento, você conquiste todas as armas necessárias para combater os estereótipos que nos são impostos.

Que nós possamos, juntas, fazer da Velha Academia sempre Nova, tornando-a um lugar cada vez mais receptivo às mulheres.



# Quem somos?

## Monitoras:

Larissa Romão

Kássia Queiroz



Beatriz Junkes da Silva  
193 - 11



Luana Lauriano Natri  
193 - 13



Erna Fonseca Holzinger  
189 - 14



Luiza Massaroli Romero  
193 - 12



Gabriela Coelho Silveira  
191 - 12



Marcella Sassetoli  
189 - 23



Gabriela Tavolaro Guido  
193 - 12



Mariana Brandão Fantini  
189 - 11



Giovanna Pozzi Vedovate  
193 - 12



Yhasmin Monteiro Pinto  
Moreno Leon  
189 - 14



Leticia Marangoni Asperti  
189 - 11

Caloura, nos procure nas redes sociais.  
Estamos à disposição e será uma honra  
poder recebê-la e ajudá-la!

# podcast

Para saber mais sobre os temas abordados por essa cartilha, não deixe de conferir nosso podcast! Você já se sentiu insegura para ocupar o espaço da faculdade? Você já se perguntou se a faculdade era um lugar para você? Pois é, esses sentimentos podem ser mais comuns do que imaginamos. Tendo isso em mente, realizamos, virtualmente, uma roda de conversa com cinco alunas da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. A partir das experiências relatadas por elas, esperamos que você, caloura ou ex-caloura, sinta-se acolhida nessa trajetória acadêmica e confiante para se posicionar e ocupar os espaços da graduação. Além disso, buscamos incentivar a criação de espaços de diálogo nos quais as alunas se sintam confortáveis para exporem suas inseguranças e suas experiências. A conversa, realizada para a disciplina "Direito e Equidade de Gênero", foi conduzida pela Mariana e pela Yhasmin, duas integrantes do nosso grupo. **Calouras, saibam que a faculdade é o lugar de vocês e sejam muito bem vindas à SanFran!**



## ALUNAS ENTREVISTADAS

Beatriz Massa - Turma 192  
Carolina Stampone - Turma 189  
Isabela Mendonça - Turma 189  
Luciana Spina - Turma 193  
Maria Thereza Chehab - Turma 192

## CONFIRA O NOSSO PODCAST!

Clique na imagem abaixo ou aponte a câmera do seu celular para o QR Code para ouvir o nosso podcast no Spotify!



# Interseccionalidade

Esta cartilha apresenta a interseccionalidade como metodologia.

O feminismo em perspectiva interseccional não considera somente questões de gênero, como também questões de raça, classe social, sexualidade e outras. Ou seja, adotar uma perspectiva interseccional é entender que os eixos de opressões são mutuamente potencializados e que as mulheres, apesar de serem mulheres, não vivenciam sofrimentos iguais.

As formas de opressão são interdependentes, não hierarquizadas. Uma opressão não é pior ou melhor. Porém, um ataque a uma minoria possui influência sobre outros grupos minoritários.

**O feminismo sem interseccionalidade torna-se excludente e, por isso, devemos ser capazes de incorporar as diferenças em nossas ações.**



# ENFRENTANDO ESTEREÓTIPOS

*O que significa para uma mulher ocupar a SanFran?*

## *UM POUCO DE HISTÓRIA...*

Um ambiente primordialmente machista e elitizado...



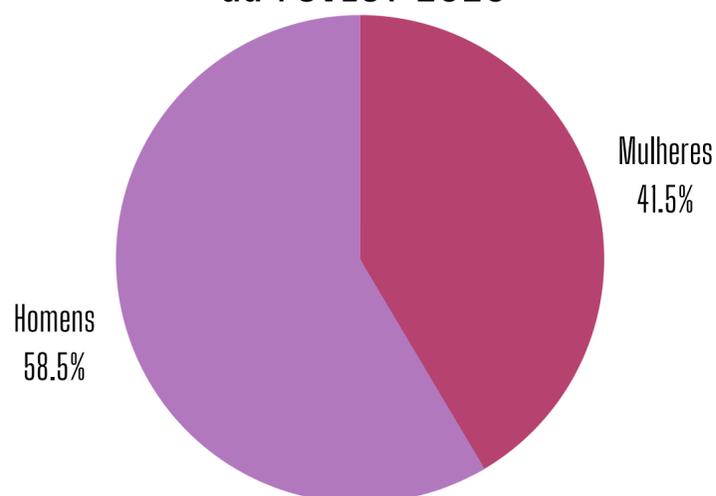
A Faculdade de Direito do Largo de São Francisco foi criada em 1827, tornando-se centro de irradiação da justiça. Entretanto, essa instituição não foi sempre um ambiente justo (e, possivelmente, ainda não é).

Prova disso é a formação de sua primeira bacharela, Maria Augusta Saraiva, somente em 1902, o que, infelizmente, não implicou em uma grande mudança. Segundo pesquisa do GPEIA, entre 1900 e 1930, apenas 8 alunas estudaram ali, além do fato de a primeira professora, Esther de Figueiredo Ferraz, ter assumido somente em 1948.

## OS DIAS DE HOJE...

As mulheres vêm ocupando um espaço maior na SanFran nos últimos anos.

### Questionário socioeconômico da FUVEST 2020



Dos 393 candidatos convocados na primeira chamada da Fuvest para o curso de direito da USP, somente 163 são mulheres. Ou seja, as aprovadas correspondem a menos da metade dos candidatos convocados, o que não reflete a proporção de mulheres na população brasileira - 51,8%, segundo o IBGE. Certamente, isso é um reflexo do histórico patriarcal brasileiro.



Nesse contexto, uma mulher ocupar esse espaço é uma conquista. Mas, de acordo com relatos de diversas alunas, inclusive das entrevistadas em nosso podcast, muitas mulheres, ao serem aprovadas na Sanfran, sentem-se intimidadas, até mesmo inconscientemente, e apresentam diversos comportamentos pautados nos estereótipos de como devem se portar ali. Desse modo, as alunas podem acabar se privando de diversas ações, como participar nas aulas, acreditando que isso não passa de um reflexo de um traço de sua personalidade, como a timidez.

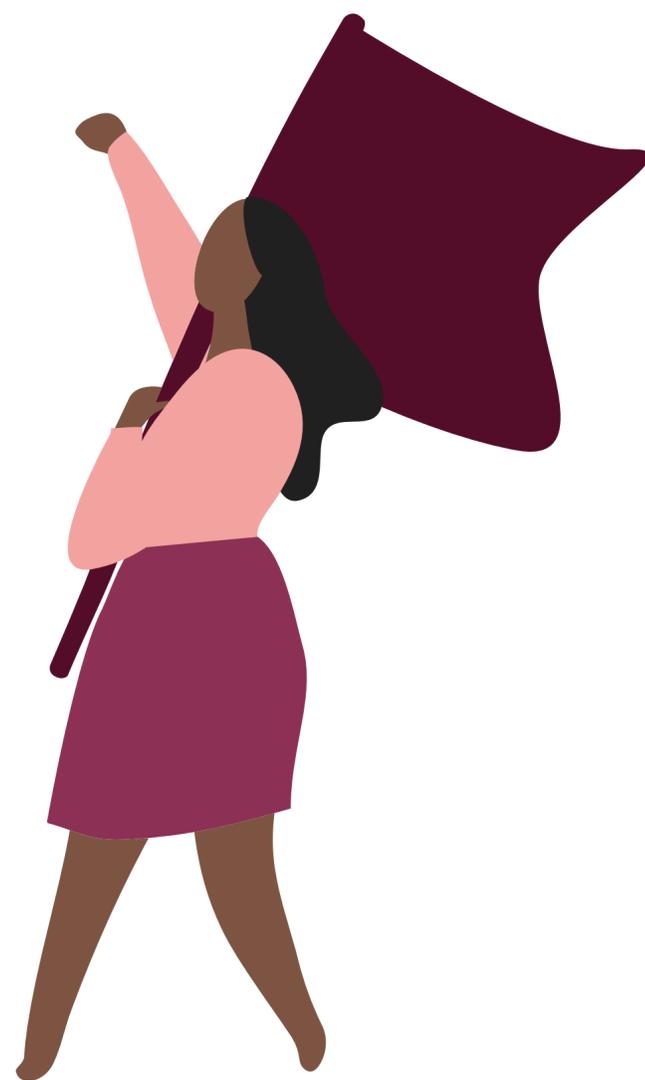
Essa timidez feminina pode ser entendida como uma inibição de manifestações femininas em ambientes com homens devido ao receio das mulheres de serem julgadas como inferiores ou de serem interrompidas. Assim, como demonstrou uma pesquisa do GPEIA, as alunas vão se silenciando ano após ano na faculdade, enquanto a participação masculina permanece frequente.

Para saber mais sobre o assunto, acesse a pesquisa do GPEIA  
(clique sobre o título abaixo):

Interações de gênero nas salas de aula da  
Faculdade de Direito da USP: um currículo  
oculto?

Nosso intuito não é analisar profundamente essa temática, mas instigar você, caloura, a refletir sobre sentimentos que possam vir a inibir a sua participação na Faculdade. Converse com amigas e veteranas, avalie se o seu caso é isolado ou se ele condiz com um sentimento coletivo, podendo ter relações com desigualdades estruturais.

**QUE OS ESTEREÓTIPOS  
SÓ SIRVAM PARA UMA ÚNICA COISA:  
PARA SEREM QUEBRADOS.**



## *ESTEREÓTIPOS ENFRENTADOS PELAS ALUNAS DE ESCOLAS PÚBLICAS*

A reserva de vagas para alunos de escola pública é uma conquista recente e, em tese, nosso espaço acadêmico foi se tornando progressivamente menos elitizado. Porém, o sentimento de não pertencimento dos alunos oriundos de escola pública pode ser frequente, especialmente para as mulheres, que podem se sentir inferiores, seja intelectual ou socialmente, em relação a seus colegas de sala.

Além disso, é muito comum o interesse em grupos de estudos e extensões no início da graduação. No entanto, os processos seletivos costumam ser muito excludentes para alunas que vieram de escolas públicas, uma vez que, em inúmeros deles, o currículo costuma ser exigido. É isso mesmo, assim que você entra na universidade pedem que você já tenha um bom currículo para que possa fazer parte desses grupos que são super importantes para aprimorar o próprio currículo em si, demonstrando, no mínimo, contradição. Mas, a grande questão é que aqueles que, anteriormente, tiveram melhores condições financeiras puderam pagar por um bom curso de línguas, realizar um intercâmbio, entre outras atividades extracurriculares que, conseqüentemente, levam esses currículos a se sobressaírem perante os demais. Ou seja, os currículos de alunas provenientes de escola pública, em que muitos estudantes possuem condições financeiras insuficientes para fazer atividades extracurriculares, podem ser frequentemente mais rejeitados.

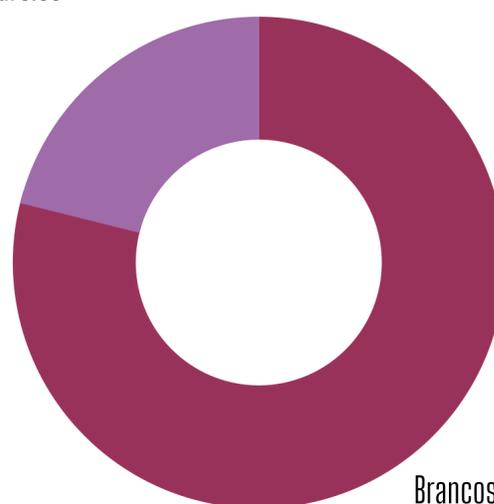
Como consequência, as alunas de escolas públicas podem começar a se sentir deslocadas, passando a questionar se realmente pertencem ao espaço da SanFran. Entretanto, caloura, não se esqueça que esse espaço é seu por direito. Somente com a ocupação progressiva da SanFran por alunas de escolas públicas que tal lugar poderá deixar de ser um espaço tão elitizado e, assim, ser cada vez mais popular!

## ESTEREÓTIPOS ENFRENTADOS PELAS ALUNAS NEGRAS

A USP aderiu à reserva de vagas para pretos, pardos e indígenas em seu vestibular em 2018 e, conseqüentemente, a presença de alunos negros na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco passou a ser mais expressiva somente desde então. Todavia, é plausível que alunas negras sintam-se deslocadas, uma vez que os alunos e as influências são, majoritariamente, brancos.

### Questionário socioeconômico da FUVEST 2020

Pretos, Pardos, Indígenas e Amarelos  
21.1%



Brancos  
78.9%

Entre os quadros expostos na faculdade como homenagem a importantes figuras jurídicas não há negros e, além disso, há a representação de vários homens brancos que apoiaram e defenderam a escravidão.

Quase não há docentes negros lecionando e, dentro desse grupo, ao ser analisada a quantidade de mulheres, a proporção é ainda menor.

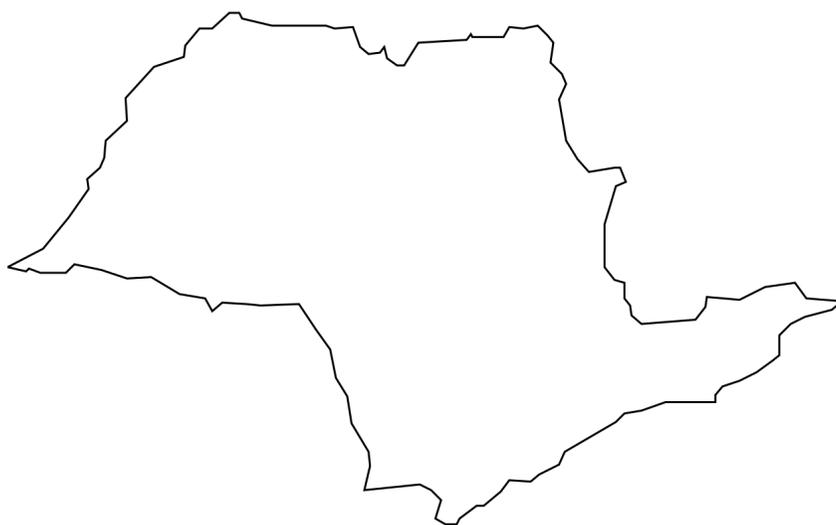


É válido lembrar que a sua presença, caloura negra, é um importante ato de resistência: ao somar sua ocupação às outras ocupações negras poderemos pouco a pouco transformar esse espaço em um ambiente mais acolhedor e mais diverso.

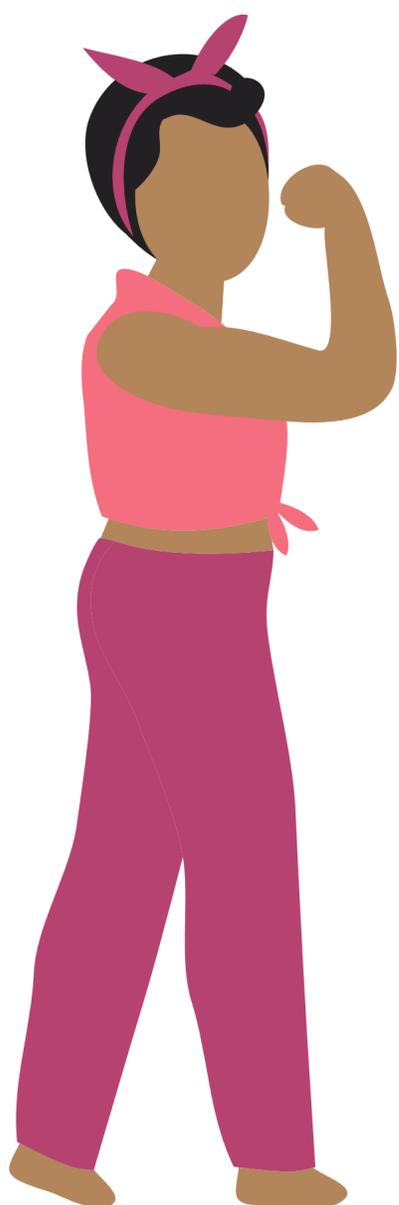
Sua resistência é essencial para mudar o histórico da faculdade e, assim, encorajar outras mulheres negras a estarem aqui também. A sua aprovação na SanFran é muito mais relevante do que você imagina!

## ESTEREÓTIPOS ENFRENTADOS PELAS ALUNAS DE FORA DE SÃO PAULO

Com seus, aproximadamente, 12 milhões de habitantes, São Paulo intimida por seu tamanho, suas oportunidades e a intensidade de seus problemas característicos, como a violência e o trânsito sobrecarregado. Para quem é de fora, ocupar esse espaço pode implicar em muitos medos e inseguranças.



Para as mulheres, essa situação é ainda mais complicada, porque, infelizmente, a partir do clássico estereótipo de "gênero frágil", muitas ainda são vistas como vítimas mais fáceis de determinados crimes, especialmente quando estão sozinhas. Assim, muitas inseguranças são aumentadas, ainda mais quando familiares e outros conhecidos transmitem seus medos diante da mudança de cidade da caloura.



### RECOMENDAÇÕES

- 1** Tenha cuidado ao andar pelas ruas e ao utilizar transportes públicos devido aos riscos de furto, assédio e erros no trajeto.
- 2** Evite andar sozinha nas ruas próximas à faculdade, especialmente, à noite. Procure grupos de alunas para ir ao metrô ou ao ponto de ônibus.
- 3** Não abra mão de suas vivências devido às inseguranças. Você não está sozinha: nós estamos aqui para nos ajudar!

# SORORIDADE

## O que é?

Para Gisela Foz, do movimento global She Decides, a sororidade é reconhecer em outra mulher, mesmo que seja uma pessoa desconhecida, as dores e as barreiras que todas nós enfrentamos em uma sociedade machista. Segundo ela: “é esse sentimento de empatia, mas uma empatia visceral, que toca de uma forma muito mais profunda porque não é só uma empatia de me colocar no lugar da outra, mas de estar no lugar da outra”.



## O que não é?

Sororidade não significa gostar de todas as mulheres ou concordar com todas as atitudes de uma mulher.

Sororidade não é constituída por atitudes pontuais para mulheres específicas.

Sororidade não é uma união idealizada indiferente às diferenças relativas aos outros marcadores, como orientação sexual, religião, etnia, classe e raça.

# dororidade

por Vilma Piedade



É uma expressão semelhante à sororidade que se refere a experiências e dificuldades vivenciadas apenas por mulheres negras, cuja dor provocada pelo machismo é agravada pelo racismo.

**"PRECISAMOS ENTENDER QUE NÓS MULHERES NÃO SOMOS TODAS IGUAIS. SOMOS DIVERSAS E PRECISAMOS COMPREENDER E RESPEITAR AS NOSSAS DIFERENÇAS E OS DIVERSOS MODOS DE SER FEMINISTAS. A DORORIDADE NOS APROXIMA E NOS FORTALECE."**

- Izabel Accioly

# Rivalidade e competição

A efetividade da sororidade é mitigada pela rivalidade e pela competição.

A rivalidade feminina é um mito fundamental à ideologia de dominação masculina e à preservação de poderes masculinos. Ao competirmos, nos tornamos incapazes de nos unirmos, nos empatizarmos e construirmos equidade.

**"AMAMOS A NÓS MESMAS É PERIGOSO PARA O PATRIARCADO; AMAMOS A NÓS E UMAS ÀS OUTRAS, AINDA MAIS."**

- Marcela Tosi



# Formas de concretização da sororidade

- 1 Elogie outras mulheres;
- 2 Compartilhe informações e experiências com outras mulheres;
- 3 Consuma e indique trabalhos de outras mulheres, especialmente no âmbito acadêmico;
- 4 Encoraje e incentive outras mulheres;
- 5 Reflita antes de criticar. Você já parou para pensar se as críticas feitas às professoras ainda seriam feitas caso elas fossem professores?;
- 6 Respeite as mulheres diferentes de você;
- 7 Aja! Ofereça ajuda e não seja uma mera observadora em casos de assédio ou namoros abusivos;
- 8 Faça parte de times esportivos!



# Vantagens e Benefícios

- 1** Praticar sororidade é contrapor-se à cultura machista que somos ensinadas a replicar;
- 2** Criar uma rede de solidariedade entre as mulheres pode servir como um incentivo para denúncias;
- 3** Exercer essa empatia visceral na SanFran ajuda a criar um ambiente mais saudável e acolhedor, ajudando a reforçar a ideia de que todas nós temos direito de ocupar e pertencer a esse espaço.



# EMPODERAMENTO

## *O que é?*

Empoderar é verbo de ação. Significa a necessidade de uma postura ativa, diariamente, por parte de todos. É a intenção de, cada vez mais, encorajar as mulheres, dar poder a elas e garantir que cada mulher possa e consiga assumir o seu poder individual.



**O EMPODERAMENTO FEMININO ESTÁ LIGADO A UMA CONSCIÊNCIA COLETIVA POR PARTE DAS MULHERES E É CONSTITUÍDO DE AÇÕES TOMADAS POR MULHERES QUE NÃO SE DEIXAM SER INFERIORIZADAS PELO SEU GÊNERO E TOMAM ATITUDES QUE VÃO CONTRA O MACHISMO IMPOSTO PELA SOCIEDADE.**

O termo "empoderamento" (empowerment) originou-se nos Estados Unidos durante os movimentos de direitos civis dos anos de 1960, generalizando-se em vários aspectos, em nível internacional, nacional e comunitário. No início foi liderado por mulheres feministas no campo do desenvolvimento e dos movimentos sociais das mulheres, em meados dos anos de 1970.

A história nos mostra que, até pouquíssimo tempo atrás, a mulher era vista como um ser inferior aos homens e privilégios como ler, ter uma profissão, exercer direitos de cidadania eram exclusivos dos homens. No século XIX, predominantemente cabia às mulheres brancas os afazeres domésticos e a responsabilidade integral pela criação e educação dos filhos.

Com a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã como resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, durante a Revolução Francesa, a feminista Olympe de Gouges deu os primeiros alertas sobre a autoridade masculina, a importância das mulheres e da igualdade de direitos dos gêneros. Logo após, com a Revolução Industrial do século XIX, o cenário mudou: as mulheres passaram a trabalhar nas fábricas e, desde então, os movimentos feministas, espalhados pelo mundo, se fortaleceram e conquistaram direitos, antes exclusivos aos homens. É o caso, por exemplo, do direito à educação, ao voto, à propriedade, à igualdade salarial, entre outros.



**O PROBLEMA É QUE, A DESPEITO DA IMPORTÂNCIA DE CADA UMA DAS CONQUISTAS QUE FORAM SENDO CONSOLIDADAS AO LONGO DOS ANOS, OS RESQUÍCIOS DO FORTE PATRIARCADO EXPERIMENTADO PELO BRASIL E PELO MUNDO DEIXARAM AS SUAS MARCAS. E É AQUI QUE ENTRA A IMPORTÂNCIA DO EMPODERAMENTO FEMININO.**

# O que empodera as mulheres no ambiente acadêmico?

- 1** Incentivos para que as mulheres participem ativamente dos debates;  
Reconhecimento da qualidade das apresentações de mulheres,
- 2** palestras realizadas por mulheres, livros escritos por mulheres, aulas ministradas por professoras mulheres e colocações feitas por mulheres na sala de aula;
- 3** Participação e envolvimento em eventos acadêmicos organizados por mulheres;
- 4** Respeito e escuta atenta enquanto uma mulher fala em qualquer ambiente de discussão.



# Associações relacionadas às causas femininas

As associações são espaços de conhecimento, debate, apoio e acolhimento, em que se pode encontrar sororidade e empoderamento para combater os estereótipos na SanFran. Clique sobre as descrições das associações para ser redirecionada às páginas desses grupos!

## ***GRUPO DE PESQUISA E ESTUDOS DE INCLUSÃO NA ACADEMIA (GPEIA)***

O GPEIA estuda as relações entre minorias e universidade pública. Em seu primeiro ano de existência, esse grupo se dedicou ao estudo da Desigualdade de Gênero no ambiente acadêmico.

## ***GRUPO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA – COLETIVO FEMINISTA DANDARA***

O Coletivo Feminista Dandara é um espaço de estudo, debate e construção política que busca fortalecer a luta coletiva contra todas as formas de opressão impostas às mulheres. Esse coletivo atua através do Núcleo de Práticas Pedagógicas, orientado pela professora Ana Elisa Bechara, realizando atividades de formação com práticas de educação popular com alunos do ensino fundamental da rede pública estadual.

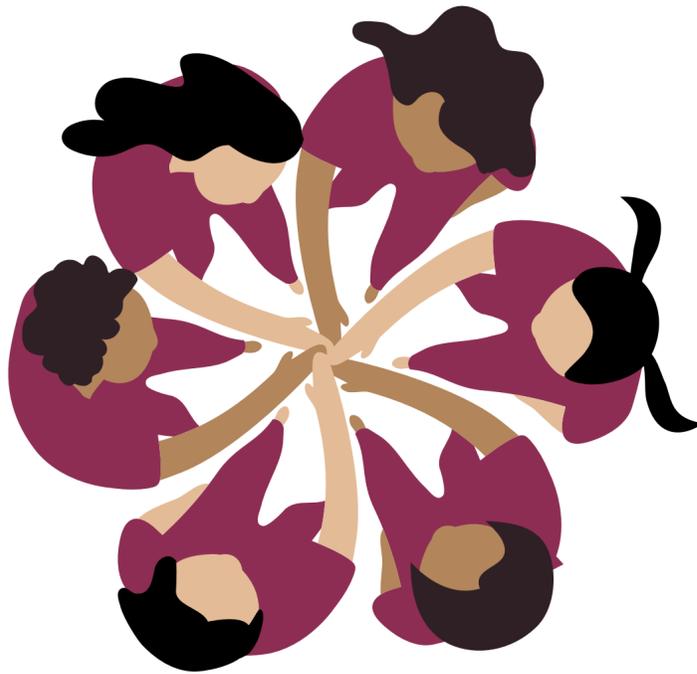
## ***GRUPO DE EMPODERAMENTO FEMININO (GEF)***

O GEF, coordenado pela professora Mariângela Magalhães, é um grupo de estudo de temas relacionados à violência de gênero, com atuação junto à sociedade para promover educação popular em direitos, o acolhimento de mulheres vítimas de violências e o debate sobre o tema.

O grupo possui duas frentes: 1) violência doméstica; 2) violência obstétrica.

## ***NÚCLEO DE EXPRESSÃO FEMININA (NEF)***

O NEF tem o objetivo de auxiliar mulheres a serem ouvidas. Esse grupo se desenvolve a partir de técnicas de debate, oratória e autoconhecimento



## *NÚCLEO DIREITO, DISCRIMINAÇÃO E DIVERSIDADE (DDD)*

O DDD é um grupo de cultura e extensão que busca discutir o tema da discriminação no ensino jurídico e repensar a forma pela qual esse ensino se dá dentro e fora da sala de aula por meio de métodos e dinâmicas que busquem incluir todas as alunas e alunos como sujeitos do conhecimento.

## *COLETIVO FEMINISTA ANGELA DAVIS*

O coletivo Angela Davis é o coletivo feminista negro da SanFran, sendo um instrumento de desestruturação das dinâmicas racistas, sexistas e classistas. Sua atuação é centrada na promoção do sentimento de pertencimento às estudantes negras.

## *SORORIDADE FRANCISCANA (FACEBOOK)*

Um espaço nas redes sociais para as alunas exercerem a sororidade através de trocas de informações, experiências, desabafos e orientações.





Caloura, sabemos como a chegada na tão sonhada universidade é carregada de expectativas e euforias, mas também de confusão e desorientação. Incentivamos que você busque redes de apoio ou forme suas próprias redes e esperamos que a sororidade e o empoderamento possam ser práticas que contribuam para a superação de estereótipos tão enraizados, especialmente em uma instituição tão conservadora como a nossa, para que você possa usufruir da maneira mais saudável possível das diversas oportunidades que a SanFran lhe proporcionará pelos próximos 5 anos.

**ESPERAMOS QUE VOCÊ SE SINTA ACOLHIDA.  
LEMBRE-SE QUE VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA.  
SEJA MUITO BEM VINDA, FRANCISCANA.**

# BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Jeanine Pacheco Moreira et al. Interseccionalidade e outros olhares sobre a violência contra mulheres em tempos de pandemia pela COVID-19. 2020.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. São Paulo: Rizoma, 2013. Disponível em: <<https://rizoma.milharal.org/2013/03/03/nao-existe-hierarquia-de-opressao-por-audre-lorde/>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MENA, Isabela. Verbete Draft Feminismo nos Negócios: o que é feminismo interseccional. Projeto Draft, 2018. Disponível em: <<https://www.projetodraft.com/verbete-draft-feminismo-nos-negocios-o-que-e-feminismo-interseccional/>>. Acesso em: 29 out. 2020.

MORAIS, Yasmin. O Que é o Sororidade?. QG Feminista, 2019. Disponível em: <<https://qgfeminista.org/o-que-e-sororidade/>>. Acesso em: 29 out. 2020.

RIBEIRO, Stephanie. O feminismo Frozen e a sororidade seletiva. Portal Geledés, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-feminismo-frozen-e-sororidade-seletiva/>>. Acesso em: 29 out. 2020.

SILVA, Ivana Carolina Santos da. Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, p.130. 2016.

TOSI, Marcela. A "rivalidade feminina" e as possibilidades de nos fazermos feministas. Medium, 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@tosi.marcela/a-rivalidade-feminina-e-as-possibilidades-de-nos-fazermos-feministas-663d2e4df7a>>. Acesso em: 29 out. 2020.

PIEIDADE, Vilma. Dororidade. 1. ed. São Paulo: Nós, 2017.

“O Que é Sororidade?” Plan International Brasil, 19 Fev. 2020. Disponível em: <[plan.org.br/o-que-e-sororidade/](http://plan.org.br/o-que-e-sororidade/)>. Acesso em: 23 Out. 2020.

“O Sistema de Cotas Étnico-Raciais Adotado Pela USP – Jornal Da USP.” *Jornal.Usp.Br*, 2018. Disponível em: <[jornal.usp.br/artigos/o-sistema-de-cotas-etno-raciais-adotado-pela-usp/](http://jornal.usp.br/artigos/o-sistema-de-cotas-etno-raciais-adotado-pela-usp/)>. Acesso em: 15 Nov. 2020.

Pioneira no debate, USP é última das grandes universidades a adotar cota racial. “Pioneira No Debate, USP é Última Das Grandes Universidades a Adotar Cota Racial.” *Agência Brasil*, 6 Ago. 2017. Disponível em: <[agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/pioneira-no-debate-usp-e-ultima-das-grandes-universidades-adotar-cota](http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/pioneira-no-debate-usp-e-ultima-das-grandes-universidades-adotar-cota)>. Acesso em: 15 Nov. 2020.

D'Amorim, Maria Alice. “Estereótipos de Gênero e Atitudes Acerca Da Sexualidade Em Estudos Sobre Jovens Brasileiros.” *Temas Em Psicologia*, vol. 5, no. 3, 1 Dez. 1997, pp. 121–134. Disponível em: <[pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1997000300010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1997000300010)>. Acesso em: 15 Nov. 2020.

CRUZ, Maria Helena Santana. *Empoderamento das Mulheres*. Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.2, p.101-114, jan./jun. 2018

“O Empoderamento Feminino.” Instituto Algar, 15 Mar. 2019. Disponível em: <[www.institutoalgar.org.br/educacao/o-empoderamento-feminino/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20empoderamento%20feminino%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20antiga](http://www.institutoalgar.org.br/educacao/o-empoderamento-feminino/#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20do%20empoderamento%20feminino%20n%C3%A3o%20%C3%A9%20antiga)>. Acesso em: 3 Nov. 2020.

“Questionário de Avaliação Socioeconômica - FUVEST 2020.” *Acervo.Fuvest.Br*, 2020. Disponível em: <[acervo.fuvest.br/fuvest/2020/FUVEST\\_2020\\_qase\\_lmatr\\_car.pdf](http://acervo.fuvest.br/fuvest/2020/FUVEST_2020_qase_lmatr_car.pdf)>. Acesso em: 15 Nov. 2020.

“Empoderamento: O Que Significa Esse Termo?” *Politize!*, 18 Jul. 2019. Disponível em: <[www.politize.com.br/empoderamento-o-que-significa-esse-termo/](http://www.politize.com.br/empoderamento-o-que-significa-esse-termo/)>. Acesso em: 4 Nov. 2020.